

UMA HISTÓRIA DOS JUDEUS NO BRASIL

Um dos estudos que ainda está por fazer é, sem dúvida, o que se refere aos judeus na história do Brasil. Assunto dos mais interessantes, está merecendo quem o desenvolva convenientemente. Não se venha dizer que os judeus já foram estudados por Solidônio Leite Filho. Que o que ele fez foi um livro muito fraquinho.

Sem ser preciso chegar ao exagero de um Werner Sombart recentemente o sr. Evaristo de Moraes fez uma conferência sobre os judeus exagerando a influência israelita na formação econômica brasileira - temos de reconhecer a extraordinária influência dos hebreus na nossa história.

Logo depois da descoberta aparecem os judeus. Arrendam o Brasil. Exploram a terra. Carregam de pau-brasil os seus barcos. A sua influência é extraordinária quando se trata da cultura da cana-de-açúcar. Eles se dizem os introdutores dela no Brasil. O que talvez se possa contestar. O que não se pode negar é que tenham contribuído, já com a sua fortuna, já com a sua experiência adquirida nas plantações de cana da Madeira e São Tomé, para o incremento da principal riqueza da colônia. Feitores de engenhos, judeus - trouxe-os Duarte Coelho.

Outro aspecto em que devem ser estudados, é como capitalistas, mercadores e mascates. Eles abafaram o comércio no Brasil colonial. Fizeram quase monopólio. E aproveitaram a ocasião para atravessar os gêneros. Isso criou contra eles ódios fortes - isso havia sido uma das principais causas da criação da Inquisição em Portugal. Conseqüências remotas dessas explorações são a Guerra dos Mascates em Pernambuco e a dos Emboabas em São Paulo.

Como médicos, físicos, boticários também monopolizaram a medicina na colônia. Diversos viajantes estrangeiros referem que os médicos eram quase todos judeus. Principalmente na Bahia. Isso seria assunto - segundo nos parece - para um trabalho muito interessante.

Lembra Gilberto Freyre que uma das principais causas da extraordinária mobilidade dos paulistas foi a forte dose de sangue semita que possuíam os bandeirantes (*Casa-Grande & Senzala*). O que teria acontecido antes com os portugueses. Que se tornaram um dos povos mais facilmente deslocáveis da terra. Mudando-se cidades inteiras de um lugar para outro.

Sem dúvida, a fase mais brilhante do judaísmo no Brasil, é a do período da invasão holandesa. O Recife cheio de intelectuais judeus. Sefardins ilustres. Talmudistas. A comunidade era rica. Tiveram uma sinagoga - esnoga como se dizia na época. Depois haveriam de querer comprar Vryburg, o Palácio das Torres, o próprio palácio do Conde de Nassau, para instalar nele a sinagoga. Nela ouviram a palavra do culto Rabbi Isaac Ben-Matias Aboab da Fonseca. Falava também Raphael de Aguiar. Membros da comunidade também eram David Senior Coronel, Jahacob Mucate, Dr. Abraham de Mercado, Isahac Castanho, Isaac de Castro Tartas, David Nassy, Benjamim da Costa, Abrão Levy, David Abravanel, Efraim Soeiro, estes dois últimos cunhados de Menasseh Ben-Israel. Este mesmo esteve embarca-não-embarca para Pernambuco. Outro judeu, Jacob de Andrade Velloso, nascido em Pernambuco, formou-se em medicina, emigrou para a Holanda após a restauração e conquistou fama mundial.

Kahal Kados chamou-se a congregação, tão importante era. Parece que dela partiu aquela consulta ao Rabbi Sahbayhai de Salonica sobre cousas do culto, que é considerada por

estudiosos da história do povo hebreu como o "primeiro vestígio de literatura judia na América" (Seg. Gilberto Freyre, *Guia do Recife*). Aquele sábio que foi Menasseh Ben-Israel dedicou um dos seus livros a alguns dos membros da Santa Comunidade daqui.

Já que se está falando em intelectuais diga-se que literato com sangue judeu nas veias foi um certo Bento Teixeira, ainda nos primeiros tempos da Capitania de Pernambuco. Que Gilberto Freyre sugeriu, uma vez, a identificação com o Bento Teixeira Pinto, autor da *Prosopopéia* e da *Relação do Naufrágio*. O que nos parece acertado. Bento Teixeira confessa nas Denúncias do Santo Ofício em Pernambuco que era "mestre de ensinar moços o latim e ler e escrever, e aritmética". Dizem que lia a *Diana* de Jorge de Montemór - livro proibido -, o *De Gloria et Nobilitate civile et christiana* do bispo Hieronymo Osório; citava a Bíblia de latim em linguagem; discutia sobre o Talmud e os judeus talmudistas, referindo-se à *Introdução ao Símbolo da Fé* de Fr. Luiz de Granada. Asilado no Mosteiro de São Bento em Olinda, arranjou certo dia discussão com o próprio presidente do mosteiro Fr. Damião da Fonseca, sustentando que o primeiro homem, ainda que não houvesse pecado, nem por isso deixaria de morrer. Não é crível que houvesse dois Bentos Teixeira, ambos literatos, em Pernambuco. Tudo leva a crer que fossem um único personagem. Para desmanchar o prazer, confessa que não era natural de Pernambuco. Nascera em Portugal, no Porto. Então tem que se deixar de dizer que a "literatura brasileira nasceu do verbo quinhentista de Bento Teixeira Pinto".

Desbocado que só ele, vivia dizendo as maiores safadezas. Com santos do céu. Com as cousas do culto católico. Vem tudo Contado tim-tim por tim-tim nas Denúncias do Santo Ofício em Pernambuco.

Cristão-novo com muito sangue de judeu foi Ambrósio Fernandes Brandão a quem se atribui modernamente a autoria daqueles interessantíssimos *Diálogos das Grandezas do Brasil*.

Aliás os judeus que moravam no Brasil eram da melhor condição. Isso, pelo menos, é o que afirma um livro escrito pela congregação de Judeus Portugueses de Suriname, colônia que foi formada quase totalmente por elementos semitas emigrados de Pernambuco após a expulsão dos holandeses: "(...) ceux du Brésil étoient la plupart des gens de condition & très verses dans le commerce & l'agriculture" (*Essai historique sur la colonie de Surinam ... Le tout redige sur des pieces authentiques y jointes & mis en ordre par les Régens & Représentans de la dite Nation Juive Portugaise. A Paramaribo, 1788*).

Nota manuscrita, ao final: Falando do *Essai*, Manoel Bernardes Branco diz (pág. 335, + 1º) "Creio ser uma das obras mais raras entre aquelas que nos dizem respeito (...)".

Fonte: Mello, José Antônio Gonsalves. **Nossa Revista**. Recife, Associação dos Empregados do Comércio do Recife, a.5, n.2, p 21, set., 1935.